

FARÓIS ACESOS

Editor: Carlos Marcelo
pensar.d@diariosassociados.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

COM TRAJETÓRIAS E ESTILOS BEM DIFERENTES, OS POETAS EUDORO AUGUSTO E PAULO KAUMIM INCORPORAM VIDA E PAISAGEM BRASILIENSES À SUAS MAIS RECENTES OBRAS

FERNANDO MARQUES
ESPECIAL PARA O CORREIO

Atendência antirretórica e o pendor à brevidade são traços pelos quais se pode ligar a poesia do veterano Eudoro Augusto à do estreante em livro Paulo Kaumim — autores, no mais, muito diferentes entre si. Radicados em Brasília e atuantes na cidade, os dois poetas publicaram livros recentemente. O trabalho de Eudoro chama-se *Um estrago no paraíso* e reúne dois conjuntos de poemas. O de Kaumim leva o título de *demorô* (em minúsculas mesmo), devido ao fato de esta ser a sua primeira coletânea. O lisboeta-carioca Eudoro Augusto, na casa dos 60 anos, originariamente ligado à geração que fez a poesia alternativa ou marginal na década de 1970, publica seu nono volume de poemas: o pernambucano Paulo Kaumim, cerca de 20 anos mais moço, embora esteja longe de ser um autor inédito, divulga o primeiro livro agora. As bossas marginais de Chacal, Charles ou Chico Alvim parecem ter influído sobre os textos, em geral brevíssimos, de Kaumim, nos quais surgem ainda, evidentes, os laços com a poesia concreta — praticamente ausentes da poesia reflexiva de Eudoro.

Silêncio sépia
Há sete anos, tive oportunidade de reescrever *Olhos de bandido*, oitavo livro de Eudoro Augusto. Volto à poesia do mestre comentando seu nono livro, *Um estrago no paraíso*, que contém dois grupos de poemas: "Carta selvagem", textos escritos entre 2002 e 2006, e "Claraboia", que corresponde a trabalhos mais recentes.

Os diversos conjuntos de textos compõem projeto uno, conforme o autor adverte na abertura: trata-se de "trilogia iniciada com *Olhos de bandido*, de 2001". Os traços gerais da poesia de Eudoro, que vêm sendo depurados há 35 anos, de fato permanecem nítidos em *Um estrago no paraíso*.

Ao falar sobre o livro anterior, notei que seus textos frequentemente partem das palavras cotidianas para entortá-las, rescrevendo-as pela metáfora ou pelo atrito entre o corriqueiro e o inefá-

Edison Rodrigues/CBIDA Press



O LISBOETA-CARIOCA EUDORO AUGUSTO, RADICADO EM BRASÍLIA: FIDELIDADE À OBRA E VERSOS SIMULTANEAMENTE SUGESTIVOS E PRECISOS

vel. No livro agora lançado, o poeta mantém-se fiel a si mesmo, talvez aprofundando a sua maneira de exprimir a vida urbana contemporânea, prensada entre afetos, desejos e contas a pagar.

Vale perceber ainda, em *Um estrago no paraíso*, certo processo recorrente que está

entre os traços singulares dessa poesia: a capacidade de propor cenas (algumas delas relativas a encontros entre homem e mulher), tirando-as da vida e reinventando-as. Ao narrar esses episódios, misturadas à fantasia, o escritor descreve a indole dos personagens e o contorno dos ambien-

tes de maneira simultaneamente sugestiva e precisa. Um exemplo é "Arizona", quando o bar vira saloon de cinema, ou "Depois da festa", onde se lê que "o amor pode não ser profundo" como o decote que o inspira".

Esse processo de transfiguração surge também quando o personagem lírico

centra-se em si mesmo, como é o caso em "Marítimo", com os objetos descobertos pela luz da manhã, ou em "As horas", onde "Brasília adormece em silêncio sépia" e o poeta se move na direção do horizonte, composições ótimas. Alguns poucos textos, ancorados no trocadilho ou no registro instantâneo, parecem menos vitais para o resultado global do livro; mesmo esses poemas guardam, contudo, a marca bem-humorada do autor.

Deve-se destacar ainda o Eudoro Augusto epigramático, em versos que resumem o confronto entre emoção caudalosa e paisagem árida: "Brindamos mas não bebemos." O vinho do sentimento/ não cabe no copo da realidade". *Um estrago no paraíso* fala fundamentalmente dessa "paixão maior do que a cidade", sem a qual viver não faz sentido. Faz?

Linhas do buriti

Em texto com o qual se apresenta, Paulo Kaumim conta que a poesia lhe chegou primeiramente pelos ouvidos — "via voz de meu pai repentinamente ainda na infância em Pernambuco". Outros alumbamentos, diz, foram a descoberta da poesia concreta e, depois, a leitura dos versos descarnados de João Cabral de Melo Neto.

Coerente com a preocupação visual que o interesse pelo concretismo assinala, o poeta editou livro que também procura conquistar o leitor pelos olhos, assessorado pelo bom projeto gráfico de Masanori Ohashi. O volume está dividido em oito partes, dedicadas a temas ou a técnicas poéticas distintas, e traz alguns de seus melhores textos na seção onde predomina poemas concretos.

Dois observações podem ser feitas acerca de *demorô*. A primeira delas refere-se não apenas ao livro, mas à tendência na qual ele se insere, tendência que remonta às vanguardas do início do século passado, projetadas até os dias atuais. Trata-se da tentativa de captar estes tempos segundo a multidão de informações que nos assaltam os sentidos, vindas dos diversos veículos, do outdoor à internet, numerosos e estridentes. Falo da estética do "tudo ao mesmo tempo agora".

A dúvida que se deve levantar, inspira-se na leitura dos poemas breves e ágeis de *demorô* (sobretudo os que buscam representar o estado de espírito resultante do permanente assédio aos sentidos), relaciona-se à confusão que se acaba fazendo entre a realidade, no que possa ter de essencial, e a pseudorealidade, meio alucinatória, composta por estímulos dispersos na cidade contemporânea.

Quando, por exemplo, o poeta associa Duchamp às favelas, Manguieira a Mondrian, não estará reunindo coisas que só em sonho aparecerão ligadas? A consistência do real decide-se nas salas sombrias dos poderosos (veja-se a guerra no Oriente

DE UM ESTRAGO NO PARAÍSO, DE EUDORO AUGUSTO

Correios & Telégrafos

Chegou alguma coisa pra mim? Alguma carta? Um convite? Uma encomenda? Nada. E as contas? As contas chegaram.

Carta selvagem

Sem traços aparentes de violência sua natureza selvagem vai exterminando aos poucos as espécies que ainda habitam a costa ocidental do meu coração.

Frescor

Cada vez que você sai do banho está recriando a primavera.

Médio), mais do que em nossos bem-intencionados delírios. Reitero: não se trata aqui apenas da poesia de Kaumim, mas de tendência nacional e internacional, proveniente de Mallarmé e idosa de mais de um século.

A segunda observação refere-se especificamente à arte de Kaumim. O pendor à extrema síntese, presente em quase todo o volume, torna sua poesia demasiado dependente dos achados, da eletricidade bruscamente liberada (ou não) no atrito entre as palavras.

Quando os achados se realizam, o poeta é capaz, sim, de oferecer belos momentos aos leitores, de sentido ora lírico, ora crítico. Instantes de poesia genuína como aquele em que se define com base na paisagem, um pouco à maneira de Cabral e nisso aproximando-se de Eudoro (que também tematiza a linda e triste Brasília): "que / mi / nha / poe / sia / te / nha / a / eco / no / mia / das / li / nha / s / do / bu / ri / ti". Ou ainda, referindo-se à felicidade virtual: "ADSL / sólido / mais / veloz".

Fechando estas notas, será interessante ressaltar que os dois autores incorporaram vida e paisagem brasilienses a seus poemas. Cada um a seu modo, ambos operam o registro, natural e necessário, de aspectos da existência nesta cidade, hoje.

FERNANDO MARQUES É JORNALISTA, DOUTOR EM LINGUAGEM BRASILEIRA PELA UNB. PUBLICOU *RETRATOS DE MULHER* (POESIA, VARANDA), *ZE E O LIVRO-DISCO ÚLTIMOS* (PEÇAS TEATRAIS, PERSPECTIVA)

DE DEMORÔ, DE PAULO KAUMIM

mini rap agalopado para chico science

este poema foi escrito pra ser falado

não pra página ou parede e sim pra timpano e martelo

o poema falado é pistola no ouvido

grito saído do papiro

biu

meu pai

em pernambucana prosódia

entre calos

entre canas

repete :

a melhor religião é o outro

dia

nu bla do

dia dor im

sem

rio bal do

CHOCOLATE AMARGO

De Renata Pallottini. Editora Brasiliense, 112 páginas, R\$ 35.

Renata Pallottini ficou mais conhecida por suas peças e traduções do que pela poesia. Mas é com a poesia que Renata venceu o prêmio Jabuti de 1997. Reflexões existenciais e postura crítica pontuam os mais de 500 versos de *Chocolate amargo*. A autora confessa ter escrito as poesias com intenção de falar sobre as dificuldades do mundo moderno e enumera a falta de solidariedade, a crise de valores e a decadência moral como inquietações constantes.



Carolina Peres/Reprodução

ICTEROFAGIA

Dirceu Villa. Editora Hedra, 200 páginas, R\$ 30.

Poeta paulistano, Dirceu Villa já fez programa de rádio, adaptação de Stéphane Mallarmé para quadros, prefácios e traduções. *Icterofagia* é seu terceiro livro de poesia. Escrito ao longo dos últimos seis anos, os versos de Villa passeiam pela diversidade de temas e experiências de linguagem. Em *Icterofagia* é possível encontrar o mundo contemporâneo em versos dedicados ao Iraque, alucinações em poemas para Lucifer ou Proteus, paisagens, pessoas, críticas e até metalinguística.



Renan Costa Lima com ilustrações de Giuseppe Maria Mittali/Reprodução

ANTOLOGIA DE POEMAS PARA A JUVENTUDE

De Florbela Espanca, organizado por Denyse Canturiana. Editora Petrópolis, 64 páginas, R\$ 21.

Florbela Espanca é uma das vozes líricas femininas mais importantes de Portugal na primeira metade do século 20. Publicou cinco livros, fez curso superior de direito e casou-se três vezes numa época em que às mulheres era reservado apenas o ambiente doméstico. A reunião de poemas revela toda a melancolia presente na obra de Espanca, que desde a infância, quando escreveu o primeiro poema, revelou-se especialmente inclinada a tratar melancolicamente as questões existenciais.



Isago Serini/Reprodução

DOIS EM UM

De Alice Ruiz. Iluminuras, 208 páginas, R\$ 35.

O pequeno volume reúne todos os versos publicados pela poetisa paranaense na década de 1980, tempos de poemas marginais e de versos inspirados na poesia concreta. A síntese desta última e a espontaneidade dos marginais aparecem nestes versos de Alice Ruiz, ora engajados, ora organizados de tal forma que sugerem uma visualidade geométrica.



Michaela Pretti/Reprodução

DESENCANTADO CARROSSEL

De Diego Grandão. Não Editora, 64 páginas, R\$ 19.

Desencantado carrossel é a estreia da editora gaúcha na poesia e do poeta nascido em Porto Alegre. Os versos líricos ganharam texto de apresentação do escritor Charles Kiefer na orelha do livro. Grandão foi aluno de Kiefer em mestrado de escrita criativa pela PUC do Rio Grande do Sul. O cotidiano contemporâneo é tema recorrente nas poesias do gaúcho, que fala de fim de mundo, memórias, tempo e amores.



Lúcia Patrúcco/Reprodução

ÁLVARO ALVES DE FARIA

De Álvaro Alves de Faria, organizado por Carlos Felipe Moisés. Global Editora, 272 páginas, R\$ 39.

Reunidos para a coleção Melhores poemas, os versos do poeta paulistano são precedidos de uma introdução assinada pelo também poeta Carlos Felipe Moisés, que descreve a obra do colega como um testemunho incansável de uma experiência de vida. Não que a poesia de Faria seja confessional ou forneça material para se traçar a biografia do autor, mas é, segundo o organizador, indicativa da experiência de desejos e ideais.



Global Editora/Reprodução

ANTOLOGIA DE CONTOS DA UBE

Organizado por Fábio Lucas, Jeanette Rozas e Lévi Bucalem Ferrari. Global Editora, 136 páginas, R\$ 29.

A coletânea organizada para comemorar os 50 anos da União Brasileira de Escritores (UBE) apresenta textos de 20 autores, todos associados à instituição. Não há unidade de tema ou estilo no conjunto, nem mesmo a exigência de inditismo. A opção gera irregularidades, mas proporciona boas surpresas, como a série de minicontos de Carlos Seabra e o bizarro *O dedo*, de Lygia Fagundes Telles, publicado pela primeira vez em 1978.



Reynson R. Diniz/Reprodução

A COLUNA L2 VOLTA NO DIA 7 DE FEVEREIRO

UM GIGANTE DISCRETO

LANÇAMENTOS RESGATAM OS VERSOS E A ENSAÍSTICA BRILHANTES DE JOSÉ PAULO PAES

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Poesia completa e *Armazém literário* chegam em boa hora às livrarias brasilienses. Com esses dois lançamentos lembramos dez anos de morte de José Paulo Paes e sentimos a falta que faz um homem de letras inteligentíssimo e discreto no ambiente cultural brasileiro. Ze Paulo, como era conhecido entre amigos, durante os quase cinquenta anos de produtiva carreira como poeta e ensaísta construiu um legado impressionante de textos que refletem

bem a sua capacidade criadora impar e são um excelente retrato do tipo de intelectual que parece cada vez mais raro no país.

A marca da vida intelectual de Ze Paulo é a sua autonomia em relação a ambientes institucionalizados da cultura. Dessa forma, conseguiu elaborar crítica literária de cunho jornalístico sem cair no lugar comum; escreveu ensaios como poucos, escapando do engessamento e dos preconceitos do academicismo; traduziu poetas de várias línguas como um poeta-leitor-como um poeta-especialista-tradutor; fez poemas que resgatam o melhor

Jair Lano/Folha Imagem - 18/10/98



JOSÉ PAULO PAES: INTELECTUAL RARO NO PAÍS, SOUBE EQUILIBRAR A IRONIA E A INSPIRAÇÃO

da inquietude modernista dentro de problemáticas e parâmetros mais contemporâneos. E Ze Paulo fez tudo isso com a marca estoica de um homem avesso a ênfases, exalando profunda paixão pelo que fazia.

A obra poética de Paes, reunida pela Companhia das Letras agora em *Poesia completa*, compreende desde os versos fiados a uma tradição drummondiana de seu livro de estreia, *O aluno* (1947), até as inquietas *Socráticas* (2001), de cunho filosófico, apresentadas postumamente pelo amigo Alfredo Bosi. A grande constância dessa poesia longeva é o despojamento

da linguagem e a maneira "jocosória" como o poeta trata os mais variados temas, do amor à política neoliberal. No dizer de Rodrigo Naves, que apresenta *Poesia completa*: "Ze Paulo escrevia para pessoas que, como ele, se relacionavam com a cultura de maneira não profissional e que nem por isso mantinham com a produção artística um vínculo superficial". Dai aparecerem em sua obra epigramas econômicos e irônicos que se comunicam de imediato com um leitor pressuposto não especializado, como no caso de *Hino ao sono*: "Sem a pequena morte/ de toda noite/

Dúvida (último poema de José Paulo Paes - 08/10/1998)

Não há nada mais triste do que um cão em guarda ao cadáver do seu dono.

Eu não tenho cão. Será que estou vivo?

Recado tardio

a praça? nunca foi do povo nem com jeito nem com dor

(que candor condor!)

quanto ao céu de (cé)sar e de (u)s devagar co' arto

e co' andor condor!

como sobreviver/ à vida de cada dia?". Ou então como no doce e crítico meta-poema *A um colega de ofício*: "Você não gosta do que eu escrevo/ eu até gosto do que

você escreve// talvez eu não seja tão exigente quanto você."

Nos ensaios de Ze Paulo, o despojamento poético e a liberdade da linguagem de sua poesia tornam-se clareza de conceitos e exercício incansável de transmissão das mais complexas visões numa escrita clara e vigorosa. É essa prosa retesada e didática (mas no contrapelo do didatismo) que vemos nos ensaios recolhidos em *Armazém literário* por Vilma Arêas. A ideia do volume é fazer um mapeamento dos temas mais constantes da ensaística de Paes, utilizando para isso textos brilhantes. Vemos em *Armazém literário* ensaios que abordam a narrativa brasileira consagrada, as questões relativas à tradução e à poesia nacional e, também, dentro dos limites muito fluidos do gênero, o depoimento pessoal com valor de interpretação de toda uma cultura. Todavia diversos textos do livro tenham a marca muito pessoal da excelente contribuição de Ze Paulo à nossa crítica literária, dois momentos de *Armazém literário* são especialmente irretocáveis. Ambos estão ligados ao que ele fez de melhor: poesia e tradução.

O primeiro deles é *Sobre um poema não canônico de Kavafis*. Nele Paes interpreta o poema "Krymena (Coisas ocultas)", explicando suas escolhas para a tradução do texto. Este é um excelente exemplo de que, quando bem realizada, a crítica estabelece balizas incontornáveis para a leitura do texto e da obra de um poeta. Com esse pequeno ensaio, temos a impressão de que Konstantinos Kavafis lidou por Paes funciona mais como poeta do que da forma como a academia grega o institucionalizou. Outro momento

importantíssimo de *Armazém literário* é o texto "A tradução literária no Brasil", levantamento da história da prática da tradução em nossa literatura, que leva o leitor atento a verificar a forma especial de nos relacionarmos com as influências cosmopolitas.

Em um texto que abria uma de suas coletâneas de ensaios, Ze Paulo disse: "Evidentemente, é entre a recusa e o entusiasmo que corre a estrada da compreensão crítica". Esse caminho de linhar tensamente equilibrado é a marca da escritura de Ze Paulo, avesso a ênfases, fama e empolgação. Um autor com quem tem muito a aprender parte de nossa atual crítica entusiasmadamente festiva com produtos culturais que deveriam ser lidos pelo prisma da recusa. Mas nada representa melhor o estoico Ze Paulo que suas próprias palavras: "Para quem sempre pediu tão pouco/ o nada é positivamente um exagero".

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LINGUAGEM BRASILEIRA PELA UNB E POETA, AUTOR DE *PROAFOA* (7 LETRAS, 2007)

POESIA COMPLETA

De José Paulo Paes. 512 páginas, R\$ 47,20.

ARMAZÉM LITERÁRIO

De José Paulo Paes. 312 páginas, R\$ 47.

Lançamentos Companhia das Letras.